

## “História da Literatura” – entrevista com Eurídice Figueiredo

MARTA FREITAS MENDES

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, Brasil.



EURÍDICE FIGUEIREDO é professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense (UFF). É mestra e doutora pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e pós-doutora pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Pesquisa Literaturas Francesa/Francófonas e Literatura Comparada, com ênfase em literaturas pós-coloniais, representações da alteridade (os negros, os indígenas, as mulheres) e as escritas de si na literatura contemporânea. Entre suas obras mais destacadas estão *Representações de etnicidade: perspectivas interamericanas de literatura e cultura* (2010), *Mulheres ao espelho: autobiografia, ficção, autoficção* (2013) e *A literatura como arquivo da ditadura brasileira* (2016).

A entrevista abaixo, realizada por ocasião do XII Seminário Internacional de História da Literatura, foi concedida pela professora Eurídice Figueiredo à aluna Marta Freitas Mendes, mestranda em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

**1. Neste ano, você publicou *A literatura como arquivo da ditadura brasileira* (2017). Por muito tempo se disse que a literatura brasileira pouco abordava o período da ditadura, ao menos em comparação às literaturas de outros países latino-americanos que também sofreram com regimes autoritários. Essa afirmação se comprova em sua pesquisa?**

☞ EF – Acho que em princípio sim, porém, não conheço suficientemente as literaturas argentina e chilena para dizer com certeza. Em relação à literatura brasileira, na verdade há muitas obras. Para minha pesquisa, li cerca de sessenta livros, entre romances e relatos autobiográficos, e explorei, mais detalhadamente, trinta obras. Não se pode dizer que há pouca produção ou mesmo que o tema da ditadura não esteja presente na literatura brasileira, porque, além desses sessenta que eu li, há muito mais obras publicadas. Há inclusive algumas já bastante clássicas, como as do Cony, do Callado etc., e alguns livros desse período continuam sendo reeditados. Talvez o que tenha faltado no Brasil nos anos pós-ditadura, pós-1985, seja um debate maior, público, uma discussão. Esse debate se deu claramente na Argentina, caso que conheço melhor, inclusive com pontos de vista conflitantes, que provocam o debate. No Brasil, não há esse debate entre diferentes pontos de vista, que chamo em meu livro de dissenso produtivo. O que houve a partir de 2013 foi ódio. Não há debate. Há ódio de ambos os lados.

**2. Você dedica a parte final de *A literatura como arquivo da ditadura brasileira* a uma análise pormenorizada do livro *K: relato de uma busca* (2014), de Bernardo Kucinski. Quais foram os motivos desta escolha?**

☞ EF – De certa maneira, poderia dizer que foram dois os motivos que me fizeram prosseguir com a pesquisa e escrever o livro. Inicialmente, escrevi um relato – que foi publicado como quarto capítulo em meu livro – para um livro organizado por uma amiga minha. Este livro reunia relatos de pessoas, quase todas professoras universitárias, sobre como suas vidas foram afetadas pela ditadura. Quando comecei a escrever esse relato, recém tinha lido *K*, que foi um livro que me impressionou e marcou muito, achei muito bem realizado, muito forte. E o fato de ter começado a escrever sobre minha experiência, coisas que são muito antigas, que vivi lá pelo final dos anos 1960, início dos 1970, me afetou muito. Você pensa que essas coisas são passadas, que não lhe afetam mais; no entanto, no processo de escrita – para escrever este texto, demorei um ou dois meses –, notei que aquilo me afetava muito mais do que eu imaginava. Realmente comecei a pensar muito, e a sonhar, retrabalhar. Se pensarmos em termos psicanalíticos, é um trauma, ainda que eu enfatize sempre que não sofri nada, em comparação com outras pessoas, porque não fui presa, etc. Mas é evidente também que sofri: meu companheiro foi preso, torturado, eu tive de sair



do Brasil em uma situação de bastante vulnerabilidade, era muito jovem. Claro que tudo isso tinha me afetado.

Eu escrevi este relato e, mais ou menos na mesma época, tinha lido *K.*, e resolvi escrever um texto sobre esta obra, o qual apresentei em um evento na França. A partir da apresentação desse texto sobre *K.*, que é um embrião do que seria um capítulo em *A literatura como arquivo da ditadura brasileira*, me senti movida, quase obrigada por algum impulso interno a continuar nessa pesquisa. O que era para ser o capítulo de um livro que eu estava preparando acabou se transformando em um livro inteiro. Chegou um momento em que vi que não poderia ser apenas um capítulo, porque seria enorme, não fazia mais sentido. Em algum ponto, decidi republicar meu relato autobiográfico, o que não é muito comum no Brasil, onde não existe a prática de pessoas que fazem crítica literária falarem de si, embora isso seja muito corrente nos países de língua inglesa: já vi apresentações em colóquios que eram uma conjunção de uma experiência individual e de uma questão teórica, crítica. No Brasil, isso é raríssimo, o único caso que conheço é o do livro *Janelas indiscretas*, de Eneida Maria de Souza, em que ela fala de sua experiência de infância. O aspecto autobiográfico foi destacado por Jaime Ginzburg na orelha de *A literatura como arquivo da ditadura brasileira*, quando ele considera isso “um ato corajoso” por conta da exposição. Eu particularmente gostei dessa solução, porque, ao mesmo tempo em que faço uma análise de um período passado até o momento atual, com o *impeachment*, passando pelas questões da anistia e da anamnese, acredito que é importante ler o depoimento de alguém que tenha um vínculo, uma experiência pessoal, relacionado à ditadura.

### 3. Como foi o processo de realizar uma pesquisa sobre um período que você viveu e que lhe marcou?

⇒ EF – Foi depois que o livro já estava pronto que percebi por que selecionei determinados livros e não escolhi outros. Muitos pesquisadores que estudaram esse tema há mais tempo, lá pelos anos 1990, preferiram estudar romances alegóricos, como *Incidentes em Antares*, de Érico Veríssimo. Por que esse tipo de livro não me interessava? Não cheguei a verbalizar isso em *A literatura como arquivo da ditadura brasileira*, lá apenas digo que não quis trabalhar com essas obras. Mas, na verdade, o que me afeta não é a alegoria, e sim o livro que, de alguma maneira, fala sobre a tortura. Acho que o trauma é a tortura. Todas as pessoas que passaram pela tortura não esquecem jamais. Eu não fui torturada, mas o fato de saber que pessoas próximas a mim foram torturadas foi, e continua sendo, muito doloroso. Então, quando leio romances que relatam as torturas, como, por exemplo, *Em câmera lenta*, de Renato Tapajós, ou os relatos autobiográficos, como os de Flávio Tavares,

Fernando Gabeira, Frei Betto, realmente é um sofrimento. Ler esse tipo de livro e depois ainda pensar e escrever sobre isso é doloroso, não há como passar incólume. No fundo, acredito que essa era a questão que estava me afetando, e era sobre isso que queria escrever.

### 4. Quais obras literárias você indicaria ao jovem acadêmico que deseja estudar o tema da ditadura na literatura brasileira?

⇒ EF – Penso que todos os livros que analisei em *A literatura como arquivo da ditadura brasileira* são interessantes para começar. Em minha experiência como professora, noto que *K.*, de Kucinski, é o livro que tem gerado mais dissertações e teses. Já conheci muitos estudantes que estão trabalhando com essa obra. Há menos de um mês, estive em uma banca de doutorado em que a estudante fez uma bela tese, que analisou *K.*, *Ainda estou aqui*, de Marcelo Rubens Paiva, e *Antes do passado*, de Eliane Brum, tomando como ponto de reflexão *Antígona* e a questão de enterrar os mortos. Alguns livros mais recentes que recomendaria também são *A resistência*, de Julián Fuks, vencedor do Prêmio Jabuti em 2016, e que conta o ponto de vista do filho de pais exilados, trabalhando essa questão do “exilado que não é exilado”, porque Fuks é brasileiro, nascido em São Paulo, mas que, de alguma maneira, “herda” esse exílio. *Azul-corvo*, de Adriana Lisboa, livro muito interessante, tem um personagem que foi guerrilheiro no Araguaia. Marcelo Rubens Paiva é também outro nome, considerando as obras dessa geração mais jovem, que nasceu no final ou depois da ditadura. São muitas obras que valem a pena, as mais antigas também, como os romances de Antonio Callado, por exemplo. Lembro ainda *O que não falei*, de Beatriz Bracher. Diria que todas as obras que abordei em meu livro me impactaram e, por isso, as indico. Interessante que nunca tive a intenção de falar sobre trinta livros, só percebi isso depois, quando o livro já estava até na editora, sendo preparado.

### 5. Nos últimos anos, o Brasil vem passando por uma grande instabilidade política e institucional. Nesse sentido, nota-se o avanço da extrema-direita, gerando polêmicas sobre o conceito de arte e de literatura. Como você avalia este cenário em relação às letras?

⇒ EF – Na literatura, não noto ainda uma interferência, como a da censura que aconteceu em Porto Alegre, na exposição Queermuseu, por exemplo. Noto, sim, na sociedade brasileira, um grande retrocesso, um verdadeiro ataque à liberdade de expressão e à liberdade da arte, estimulado pelo discurso de grupos conservadores. Discursos de falsos moralistas. O que vem acontecendo no Brasil é atroz, uma tristeza ver retrocessos em todos os sentidos, políticos, econômicos etc. O que estão fazendo no Congresso, na Presidência... É uma vergonha.

## 6. Qual é o papel do intelectual brasileiro hoje?

☞ EF – Acredito que o papel do intelectual e das artes em geral, é sempre o de fazer refletir. Uma pessoa que lê, que vai ao museu, ao teatro, é alguém que tem mais sensibilidade, mais poder de reflexão. O ser humano se constrói pela reflexão, pela linguagem, então, toda a contribuição que o intelectual tem a dar é neste sentido da construção do humano. É através da liberdade da reflexão que você tem uma sociedade mais livre e mais criativa, que respeita as diferenças, a diversidade, aceita o outro como ele é, e não tal como você gostaria que ele fosse.

## 7. Você escreveu *A literatura como arquivo da ditadura brasileira tendo em mente um público leitor específico*?

☞ EF – Na verdade, não. Escrevo como estou acostumada: um discurso mais crítico, mais ensaístico, mas que procura sempre ser didático, claro, compreensível. Escrevo muito pensando nos estudantes, em meus alunos, um público mais aberto. Esse livro, particularmente, como tem uma questão mais política, atraiu pessoas que não são da área de Letras. Sei que, segundo a editora, ele foi muito vendido no último congresso da ANPUH (Associação Nacional de História). O próprio Kucinski disse que ficou muito emocionado ao ler o livro, mesmo se tratando de uma escrita acadêmica. Minha prima, sobre quem falo em *A literatura como arquivo da ditadura brasileira*, também ficou muito tocada. Fico muito contente em saber que o livro conseguiu alcançar diferentes tipos de público e, de alguma forma, sensibilizar as pessoas.

## 8. Como Abujamra em suas entrevistas, queríamos pedir para que pense em uma pergunta que não fizemos, mas que você gostaria de responder.

☞ EF – Gostaria de acrescentar por que o título *A literatura como arquivo da ditadura brasileira*. O

arquivo no sentido estrito é aquele que fica guardado, em prédios, como é o caso dos arquivos públicos. No que se refere à documentação sobre a ditadura, existem muitos arquivos disponíveis para a consulta, mas também – e discuto isso em meu livro – muitos arquivos que ainda estão sob sigilo, que as Forças Armadas ainda não abriram. Há certo imbróglio, eles dizem que não tem nada, mas todo mundo sabe que tem, e eles não querem revelar. O que acho é que o público não vai pesquisar em arquivo, quem pesquisa em arquivo é fundamentalmente o historiador. A literatura, ao recontar as vidas dessas pessoas, ou dessas personagens (dependendo se é ficção ou relato autobiográfico), de alguma maneira permite ao leitor entender e, ao mesmo tempo, viver junto com os personagens o sofrimento que é estar sob um regime ditatorial. Dessa maneira, acredito que essa literatura funciona como um verdadeiro arquivo, porque esse público leitor é capaz não só de conhecer, como também ter uma sensibilização que só a literatura, ao lado de outras formas de arte, pode oferecer. Os livros de História são mais áridos, poucas pessoas leem. Os mais acessíveis seriam livros de jornalistas, inclusive alguns tiveram muita repercussão, como os de Elio Gaspari, em cinco volumes. A literatura tem um impacto sobre a emoção que nenhum outro tipo de livro tem. A literatura funcionaria como arquivo no sentido de despertar no leitor empatia em relação às pessoas que passaram por aquelas experiências tão difíceis.

### Autora:

MARTA FREITAS MENDES  
Mestranda em Teoria da Literatura. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, Brasil.  
[marta.mendes@acad.pucrs.br](mailto:marta.mendes@acad.pucrs.br)

Recebido: 28/01/2018  
Aprovado: 23/10/2018